

## Tradução dos capítulos da obra *Vom Roroima zum Orinoco*, de Theodor Koch-Grünberg (1924), em que são narradas lendas do mito indígena Makunaima

Clélio Kramer de Mesquita\*

### Introdução

O presente trabalho de tradução objetiva fornecer apoio para pesquisas à obra *Macunaíma* de Mário de Andrade, particularmente em uma análise comparativa entre o seu protagonista, de mesmo nome, e o mito indígena “Makunaima”, cujos relatos foram coletados pelo etnógrafo alemão Koch-Grünberg (1924), no norte do Brasil e na Venezuela, nos anos 1911-1913, permitindo, desta forma, acesso aos textos originais, que, segundo Elisângela Redel, serviram de inspiração ao próprio Mário de Andrade:

Paulo Prado descobriu, entre 1925-26, o Koch-Grünberg nas páginas de Capistrano de Abreu, e indicou a leitura de *Vom Roroima zum Orinoco* ao amigo Mário (...). Mário leu em alemão e fez anotações neste segundo volume da obra de Koch-Grünberg, sobre mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna, em 1926. (REDEL, 2016, p. 34).

### 1. *Macunaíma* e o Modernismo

Dentre as produções da primeira fase do Modernismo brasileiro – movimento literário e artístico que romperia com as velhas formas de expressão artística em geral –, destaca-se o livro *Macunaíma* de Mário de Andrade.

Publicado originalmente em 1928, *Macunaíma* propunha a construção de uma linguagem autenticamente nacional e popular, se opondo ao estilo bacharelesco e artificial ainda bastante utilizado na época.

Além disso, através do personagem *Macunaíma*, Mário de Andrade desconstrói a figura idealizada clássica do herói, cujo protótipo é o herói grego, detentor de três características básicas: marca privilegiada de nascimento (berço nobre ou descendência de deuses com humanos), qualidade superior de caráter (força, astúcia ou coragem) e defensor da coletividade. *Macunaíma*, embora traga consigo os sinais dos heróis, expressos em sua ligação com a mãe natureza e possua qualidades mágicas, é um “herói sem nenhum caráter”, conforme o subtítulo do livro. Ele vive e morre sem uma causa social, nada defende senão seus próprios interesses.

Mário de Andrade queria produzir uma obra que refletisse o Brasil como uma unidade, fazendo com que as múltiplas características nacionais se unissem criando uma identidade para a cultura brasileira. Para realizar essa tarefa, o autor recorreu ao seu vasto conhecimento do folclore nacional e aos preceitos da produção literária modernista.

Para melhor cumprir esse propósito, o protagonista do romance deveria ser um amálgama da formação do Brasil – representante das três principais raças que

---

\* Escritor e tradutor.

originaram o brasileiro. Macunaíma preenche esse requisito, conforme podemos ver nos seguintes trechos da obra:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. (ANDRADE, 1928, capítulo I)

Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que-nem a marca dum pé-gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. (ANDRADE, 1928, capítulo V).

Embora, como mencionamos, o livro *Macunaíma* seja um dos mais importantes representantes do modernismo brasileiro, o leitor geralmente encontra dificuldade de penetrar na obra por sua complexidade lexical, morfológica e, principalmente, simbólica. A propósito, a escritora, professora e crítica literária Noemi Jaffe destaca que “[*Macunaíma*] é um livro cheio de truques, cifras que Mário de Andrade colocou ali com a intenção de dizer coisas subliminares.” (POMPERMAIER, 2018). Nada melhor, portanto, para a composição da obra do que a escolha adequada do seu protagonista, tendo sido grande o impacto da descoberta do protótipo de Macunaíma – o Makunaima lendário –, conforme as palavras do próprio Mário de Andrade em missiva ao amigo Alceu Amoroso Lima (o Tristão de Athayde):

Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch-Grünberg percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato, ou por concordar um bocado com a época nossa, não sei.... (Apud LOPEZ, 2013, p. 154)

Mas quem foi Koch-Grünberg e que aspectos de sua obra chamaram a atenção de Mário de Andrade para a composição de Macunaíma, o “herói de nossa gente”?

## **2. Koch-Grünberg e a descoberta do *Makunaima***

Theodor Koch-Grünberg (Hesse, Alemanha, 1872 – Caracará, Roraima, Brasil, 1924) foi um etnógrafo e explorador alemão que contribuiu grandemente para o estudo dos povos indígenas da América do Sul, em particular, da região amazônica do Brasil e da Venezuela.

Koch-Grünberg é lembrado no Brasil principalmente pelos seus relatos de viagem *Zwei Jahre unter den Indianer*<sup>1</sup> e *Vom Roroima zum Orinoco: Ergebnisse einer*

---

<sup>1</sup> *Dois Anos entre os Índios.*

<sup>2</sup> *Do Roraima ao Orinoco: Resultados de uma viagem no norte do Brasil e Venezuela nos anos 1911-1913.*

*Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*<sup>2</sup>, publicados, respectivamente, em 1909-1910 e 1916-1926, este último, em cinco volumes.

As lendas sobre Makunaima se encontram no segundo volume – *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*<sup>3</sup> – e foram narradas ao cientista alemão pelos índios Akúli, do povo Arekuná e Mayuluaípu, do povo Taulipang. Koch-Grünberg, no prefácio do volume 2 de *Vom Roroima zum Orinoco*, escreve o seguinte a respeito desses dois índios narradores:

Die Erzähler waren zwei treue Indianer, Monate lang meine Genossen in Freud und Leid, deren Inneres wie ein offenes Buch vor mir lag. Möseuaípu hieß der eine, ein junger Zauberarzt vom Stamme der Arekuná, klug und lebhaft wie Akúli, das flinke Nagetier, von dem er seinen Spitznamen trug, erfolgreich auf Jagd und Fischfang und in der Liebe. Sein Schauspielertalent, seine Erzählerkunst haben uns manche trübe Stunde erheitert. Der andere war Mayuluaípu, genannt José, ein sehr intelligenter, etwa 28 Jahre alter Taulipáng-Indianer, Sohn des berühmtesten Sagen erzählers seiner Heimat am oberen Majary. Er hatte mehrere Jahre unter den Weißen gelebt und beherrschte die portugiesische Sprache, war aber in seinem ganzen Denken und in seinen Anschauungen ein echter Indianer geblieben, was während der Reise öfters stark zum Ausdruck kam. Vom Christentum war er ganz unbeeinflusst. (KOCH-GRÜNBERG, 1924, Prefácio)<sup>2</sup>

### 3. A tradução de *Vom Roroima zum Orinoco*

No presente trabalho, foram traduzidas as páginas 39 a 51 do volume 2 da obra *Vom Roroima zum Orinoco* (KOCH-GRÜNBERG, 1924), ou seja, os seguintes capítulos deste livro, em que se encontram as lendas nas quais o muito indígena *Makunaima* está envolvido:

Capítulo 4: *Taten des Makunaima* [Atos de Macunaíma];

Capítulo 5: *Weitere Taten des Makunaima* [Continuação dos atos de Macunaíma];

Capítulo 6: *Streiche des Makunaima* [Birras de Macunaíma];

Capítulo 7: *Wie der Stachelrochen und die Giftschlange in die Welt kamen* [Como a arraia de ferrão e a serpente venenosa vieram ao mundo];

Capítulo 8: *Makunaima und der Jüngling des Samauma-Baumes* [Macunaíma e o broto da árvore de samaúma];

Capítulo 9: *Makunaima in der Schlinge des Piai'ma* [Macunaíma no laço de Piaimã];

Capítulo 10: *Makunaima und Piai'ma* [Macunaíma e Piaimã];

Capítulo 11: *Makunaimas Tod und Wiederbelebung* [Morte e retorno à vida de Macunaíma]; e

---

<sup>3</sup> *Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna*.

<sup>2</sup> “Os narradores eram dois índios leais, que, durante meses, foram meus camaradas na alegria e na dor, cujo íntimo de cada um era para mim como um livro aberto. Um deles se chamava Moseuaípu, um jovem curandeiro da tribo Arekuná, inteligente e cheio de vida como Akúli, o roedor ágil, do qual ele trazia seu apelido, bem-sucedido na caça, na pesca e no amor. Seu talento de ator, seu dom artístico para contar histórias nos divertiu durante algumas horas tristes. O outro era Mayuluaípu, chamado José, muito inteligente, um índio Taulipáng com cerca de 28 anos de idade, filho do mais famoso contador de lendas de sua terra no alto rio Majary. Ele viveu entre os brancos por vários anos e dominou a língua portuguesa, mas em todo o seu pensamento e em seus pontos de vista, ele permaneceu um verdadeiro índio, frequentemente traduzidos em força durante a viagem. Ele não foi afetado pelo cristianismo.”

RÓNAI: REVISTA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E TRADUTÓRIOS – 2018 V.6 N.2 – pp. 119-135 – UFJF – JUIZ DE FORA

Capítulo 12: *Makunaima und Waimesa-podole* [Macunaíma e Waimesa-podole].

Além disso, foi traduzido o texto do capítulo 50: *Kalawunseg, der Lügner* [Kalawunseg, o Mentiroso], uma vez que, conforme declara Telê Ancona Lopez, Mário de Andrade apropriou-se de outro mito indígena – “Kalawunseg” –, transmutando-o para o seu personagem Macunaíma, de maneira que este recebe daquele sua característica de mentiroso:

Os pequenos contos ali narrados pelo índio arekuna Akúli e transliterados por Koch-Grünberg, oferecendo ou não notas autógrafas do escritor-leitor, servem-me para constatar, no modo de formar da rapsódia, a apropriação que transmuta o personagem Kalawunseg em Macunaíma e seis peripécias do herói indígena mentiroso em diferentes sequências e capítulos do livro modernista. (LOPEZ, 2013, p. 158).

O trabalho de tradução foi facilitado devido às características sintáticas próprias de textos com narrativas indígenas, em que há predominância de orações principais, como se pode ver neste exemplo, que é o primeiro parágrafo traduzido: “*Makunaima machte neue Menschen aus Wachs. Doch diese zerflossen ganz an der Sonne. Da machte er Menschen aus Lehm. Diese wurden an der Sonne immer härter. Dann verwandelte er sie in Menschen.*”. Restando, desta forma, a tradução: “Macunaíma fez novas pessoas de cera. Mas estas foram completamente derretidas no sol. Então ele fez pessoas de barro. Estas iam ficando cada vez mais duras. Então ele as transformou em seres humanos.”.

Entretanto, a dificuldade maior foi em relação ao léxico alemão traduzido do vocabulário indígena, porque nem sempre os termos utilizados por Koch-Grünberg são claros. Nestes casos, foram usadas notas de rodapé (precedidas de asterisco). O seguinte parágrafo da página 41 da obra possui duas palavras (em itálico) com essas características: “*Dann ging Makunaima zum Mairari-Gebirge und ließ dort eine Kürbisflasche zurück und einen Preßschlauch mit Maniokmasse. Diese Sachen verwandelte er in Steine. Noch heute sind sie dort zu sehen.*” (grifo nosso). Sua tradução ficou assim: “Então Macunaíma foi para as Montanhas Mairari e deixou lá uma *cabaça*\*\* e um *tipiti*\*\*\* com massa de mandioca. Ele transformou essas coisas em pedras. Ainda hoje, elas podem ser vistas lá.” (grifo nosso). As notas de rodapé ficaram assim: “\*\*casca muito dura do fruto de algumas plantas da família das cucurbitáceas utilizada no fabrico de diferentes objetos, em geral, vasilhas para guardar líquidos ou sólidos.” e “\*\*\*espécie de prensa ou espremedor, feito de palha trançada, usado para escorrer e secar raízes, normalmente mandioca”.

Finalmente, mais duas observações: em harmonia com o estilo das narrativas populares (no caso, indígenas), deu-se preferência, na tradução, aos vocabulários/expressões coloquiais, informais, e aos trechos em itálico, que não se refiram a palavras estrangeiras, são resultado de tradução não literal, para que a versão fique mais compreensível.

Em especial, neste ano de 2018, no qual comemoramos os 90 anos de lançamento de *Macunaíma*, espero com este trabalho contribuir para a pesquisa a essa grande obra, sempre desafiadora, que oferece inesgotáveis possibilidades de leitura. Deixo para o leitor, após análise dos textos traduzidos, a resposta à indagação feita acima: “que aspectos [da obra de Koch-Grünberg] chamaram a atenção de Mário de Andrade para a composição de Macunaíma, o ‘herói de nossa gente’?”.

## A tradução

### Seite 39/Página 39:

Macunaíma fez novas pessoas de cera. Mas estas foram completamente derretidas sob o sol. Então ele fez pessoas de barro. Estas iam ficando cada vez mais duras. Em seguida ele as transformou em seres humanos.

#### 4. Atos de Macunaíma.

(Narrativa do Taulipáng Mayuluaípu.)

Então Macunaíma foi para o outro lado de Roraima e vive lá provavelmente *até os dias de hoje*. Lá ele transformou homens e mulheres em rochedos, e também em saúvas<sup>1</sup>, antas e javalis. Uma pedra perto de Koimelemong<sup>2</sup> é um porco, que enfia a cabeça na terra. Na montanha de Aruayáng<sup>3</sup> há uma grande panela sobre a qual está colocado um cesto; na Serra do Mel, um saco de caça foi transformado em pedra. Muitas dessas pedras encontram-se no País dos Ingleses<sup>4</sup> em forma, por exemplo, de peixes, de uma mulher com um cesto raso na cabeça etc.

Um homem havia roubado um bocado de Urucu<sup>5</sup> de Macunaíma. Macunaíma seguiu sua trilha, pegou-o, cortou fora a cabeça, os braços e as pernas dele, e transformou tudo em pedras, como ainda hoje podem ser vistas em uma savana da Montanha de Mairari<sup>6</sup>. A savana, por isso, é chamada *Anunte-limão*<sup>7</sup> – Lá se pode ver também uma mulher com o traseiro para cima. Todas as partes são visíveis.

Pessoas reuniram muitas, muitas Maniuáras<sup>8</sup> e as colocaram em uma grande cabaça. Quando chegaram à Serra do Mel, a cabaça caiu e se partiu em duas metades. As saúvas foram embora, umas atrás das outras; a “mãe das saúvas”<sup>\*</sup> na frente da fila. Macunaíma as encontrou e transformou tudo em pedra.

Um mutum<sup>9</sup> também pode ser visto lá por perto. Quando uma pessoa morre, a pedra canta como um mutum.

<sup>1</sup> Grandes formigas.

<sup>2</sup> Aldeia indígena na Serra do Mel, uma cordilheira na margem direita do médio (rio) Surumu.

<sup>3</sup> Grande cordilheira ao norte do médio (rio) Surumu.

<sup>4</sup> Ou seja: na Guiana Britânica.

<sup>5</sup> Tinta vegetal vermelha para pintura corporal; *Bixa Orellana*.

<sup>6</sup> Montanhas altas na margem esquerda do médio (rio) Surumu.

<sup>7</sup> Ou seja, “Savana de Urucu”.

<sup>8</sup> Um tipo de saúva; grande formiga comestível.

<sup>9</sup> Espécie de galináceo grande”; *Crax sp.*

\*As populações indígenas de Roraima reconhecem uma série de lugares relacionados aos pais ou donos de determinada espécie animal. A categoria de donos ou pais é marcante no pensamento ameríndio, aparecendo em diferentes tradições narrativas (nota do tradutor).

### Seite 40/Página 40:

Então Macunaíma transformou peixes em pedras no meio do *rio* Miáng, em um lugar chamado *Imán-tepe*, que tem belas cachoeiras na parte de cima.

Um outro lugar no Miáng se chama *Kamayua-yin*<sup>1</sup>. Ele é cercado por rochedos. Lá, sob a água, existem enormes vespas, do tamanho de uma mão, sendo ainda maior a casa delas. Elas entram por debaixo da cachoeira, através de um buraco, que leva para

dentro das montanhas. Nenhum homem vai lá porque é muito perigoso, já que, *se fosse*, as grandes vespas *chegariam* imediatamente *até ele* e o *ferroariam*.

Macunaíma fez todos os animais de caça e peixes.

## 5. Continuação dos atos de Macunaíma.

(Narrativa do Arekuná Akúli.)<sup>2</sup>

Então todos os rios secaram e os peixes permaneceram nos lagos e nos pequenos riachos, e havia fartura de peixes. Em seguida, Macunaíma fez anzóis de cera de abelha, mas não pegou nada, pois, quando os peixes mordiam a isca, quebravam, ao mesmo tempo, o anzol.

Então ele encontrou um homem que pescava aimará<sup>3</sup>. Macunaíma disse a seu irmão: “O que vamos fazer? Vamos roubar o anzol dele! Eu vou me transformar em um aimará e roubar o anzol dele! Quando ele me pegar e me jogar à terra, eu o enganarei. Quando ele me bater na cabeça, eu faço um ‘aaah’ e finjo que estou morrendo. No momento em que ele me levar para a terra, irmão, você pede que ele coma esse peixe. Eu vou me transformar no maior aimará que existe!”. Então ele pulou na água, transformou-se no maior aimará e mordeu a isca. O homem o puxou para a terra, bateu em sua cabeça e ele fez um “aaah”. O homem tirou o anzol de dentro da boca dele.

O irmão tinha ficado para trás na terra, e quando o homem puxou o peixe para a terra, ele foi imediatamente até lá e pediu o peixe. Ele disse: “Eu quero esse peixe para comer!”. O homem queria lhe dar um peixe menor, mas Jiguê\* queria o grande. *Embora o peixe tivesse* fechado os olhos, o irmão o reconheceu. O homem lhe deu o peixe. Então ele se transformou novamente em Macunaíma e disse para seu (...)

<sup>1</sup> Kamayuá, vespa grande, que desempenha um papel nos mitos e na feitiçaria. O nome “Kamáyua-yin” ou “Kamáyua-yen” significa “ninho de Kamayuá (vespa)”.

<sup>2</sup> Narrativa do Taulipáng Mayuluaípu.

<sup>3</sup> *Macrodon Trahira*. Um grande peixe predador, que existe em abundância nas quedas do Rio Caróni.

\*Jiguê: conforme o nome que Mário de Andrade dá a este personagem em sua obra *Macunaíma* (nota do tradutor).

### Seite 41/Página 41:

(...) irmão: “Eu quero arrancar o anzol dele! Quando ele me jogar novamente à terra, você pede a ele mais um peixe”<sup>1</sup>. Ele pulou de volta ao rio e se transformou em um aimará. Depois o homem o levou de volta à terra, golpeou-o na cabeça e ele fez “aaah”. Macunaíma queria arrancar o anzol dele, mas o anzol era muito forte. Então Jiguê pediu ao homem: “Me dê esse peixe grande e também o pequeno!”. O homem lhe deu o peixe. O irmão pegou o peixe. Depois o peixe grande se transformou novamente em Macunaíma e disse: “No que eu devo me transformar agora? Eu vou me transformar em uma piranha<sup>2</sup> e arrancarei o anzol dele!”. Ele se transformou em uma piranha e arrancou o anzol, então o homem foi embora e Macunaíma pegou o anzol. Assim sendo, todo dia *ele* apanhava peixes com o anzol roubado e os aimarás mordiam o anzol.

Jiguê e Macunaíma ouviram *quando* o homem falou ao seu irmão: “O que estou fazendo agora? Eu não tenho mais anzol! Eu vou trabalhar do outro lado<sup>3</sup> para ganhar outro anzol!” Ele foi para lá a fim de trabalhar. Ele fez tapiocas para levá-las consigo na viagem.

Então Macunaíma disse a seu irmão: “O que vamos fazer agora? Vamos nos transformar em grilos e sentar no seu cesto\*!”. Eles se transformaram em grilos e se

sentaram no cesto dele e assim foram para o outro lado<sup>4</sup>, onde Macunaíma e Jiguê ainda hoje vivem.

O homem foi embora e carregou os dois em seu cesto *que levava às costas*. Macunaíma, no entanto, ia transformando tudo o que ele encontrava no caminho – pessoas, animais, mutum, veados, javalis, garças etc. – em pedras, árvores e floresta. E isso permanece assim até hoje. Macunaíma *fez em si mesmo magia* dentro do cesto *para produzir* feridas no corpo e disse ao seu irmão: “Estou cansado dessas feridas! Eu as retirarei!” “Ele tirou as feridas, atirou-as ao chão e as transformou em pedras, dizendo: “Fiquem aqui, e vocês devem *se fixar* a todas as pessoas que passam por aqui!” – Por isso, as pessoas que passam por esse caminho sofrem *com* feridas até hoje.

Então Macunaíma foi para as Montanhas Mairari e deixou lá uma cabaça\*\* e um tipiti\*\*\* com massa de mandioca. Ele transformou essas coisas em pedras. Ainda hoje, elas *podem ser vistas* lá.

<sup>1</sup> Isto é, para dois peixes.

<sup>2</sup> Peixes predatórios com dentes muito fortes: Serrasalmo, *Pygocentrus sp.*

<sup>3</sup> “Do outro lado de Roraima, na Terra dos Ingleses”. Explicação do tradutor.

<sup>4</sup> Comparar com <sup>3</sup>

\*Cesto de fibras vegetais levado às costas e mantido preso por uma faixa na cabeça (nota do tradutor).

\*\*Casca muito dura do fruto de algumas plantas da família das cucurbitáceas utilizada no fabrico de diferentes objetos, em geral, vasilhas para guardar líquidos ou sólidos. (nota do tradutor).

\*\*\*Espécie de prensa ou espremedor, feito de palha trançada, usado para escorrer e secar raízes, normalmente mandioca (nota do tradutor).

### **Seite 42/Página 42:**

Em cima da montanha Aluazán *fica* a casa de Macunaíma<sup>2</sup>. Lá há muitos bichos de pé.

Macunaíma encontrou pessoas que faziam o caxiri\*. Outras pessoas vinham à festa regada a bebida e dançavam o “Tukúzi”<sup>3</sup> e corriam para a casa, onde havia caxiri, outros iam devagar para lá. Macunaíma gritou: “Esperem aqui!” As pessoas se viraram e Macunaíma as transformou em pedras. Para as pessoas que dançavam o “Tukúzi”, ele também gritou: “Esperem um pouco!” Quando elas se viraram, foram também transformadas em pedras.

Então ele encontrou as pessoas que não queriam acreditar na grande Água da qual ele havia lhes contado, e que queriam ir para casa. Provavelmente elas vieram de longe. Ele disse a elas: “Para onde vocês querem ir?” Quando elas se viraram, ele as transformou todas em cupinzeiros, como muitos *que podem ser encontrados* ao lado das montanhas de Mairari.

Macunaíma continuou e caminhou sobre as pedras, lá deixando para trás pegadas como quando se anda em terreno macio – rastros de veados, antas, *enfim*, de todos os animais. Ainda hoje essas pegadas podem ser encontradas sobre as montanhas de Mairari. Ele transformou homens em pedras<sup>4</sup> de verdade. Mas ele transformou as mulheres com todas as suas partes – nádegas, órgãos genitais etc., de modo que, ainda hoje, podem ser vistas assim. Então ele foi para o outro lado de Roraima [na Terra dos Ingleses], onde ele ainda hoje mora.

## 6. Birras de Macunaíma

(Narrativa do Arekuná Akúli.)<sup>5</sup>

Quando Macunaíma ainda era um menino, ele chorou a noite inteira e pediu cinicamente à esposa de seu irmão mais velho para levá-lo para fora de casa. *Ele planejava*, lá fora, agarrá-la *à força*. Sua mãe queria levá-lo para fora, mas ele não queria *que ela o carregasse*. Então a mãe exigiu que sua nora o conduzisse para fora, e esta assim o fez, mas para um lugar *não muito distante*; porém ele implorou para que ela o levasse até mais longe. A mulher o conduziu ainda mais longe, *para* trás de uma colina. Macunaíma ainda era um menino pequeno. Mas quando chegaram lá, ele *virou* um homem, e ele agiu com violência contra ela. Ele sempre fazia isso com a mulher e se aproveitava continuamente dela quando seu irmão ia caçar. Mas o irmão não sabia nada disso.

<sup>1</sup> As mencionadas montanhas Aruayáng.

<sup>2</sup> Rochas estranhamente moldadas.

<sup>3</sup> Dança popular dessas tribos

<sup>4</sup> Isto é, pedras que não têm forma específica.

<sup>5</sup> Explicação do Taulipáng Mayuluaípu.

\*Caxiri: bebida fermentada tradicional dos índios de Roraima feita à base de mandioca, geralmente ingerida nas festividades (nota do tradutor).

### Seite 43/Página 43:

(...) Em casa Macunaíma era uma criança. Fora *de casa* ele se tornava imediatamente um homem.

O irmão mais velho foi buscar fibras de curauá<sup>1</sup> para fazer um laço para uma anta. Ele disse *que ele provavelmente havia achado* pegadas frescas de uma anta e que *queria* colocar o laço no caminho da anta. Macunaíma também pediu um laço, mas o irmão mais velho recusou *lhe dar o laço*, e disse: “Para que você o quer? Nenhuma criança brinca com um laço assim. Isto é somente para gente que sabe lidar com *este tipo de coisa*.” Mas o garoto era teimoso e queria obter o laço à força. Todo dia ele pedia *o laço*. Então o irmão mais velho deu a ele um pouco de fibra de curauá e perguntou à mãe: “Para que o garoto quer o laço?” O irmão mais velho havia encontrado uma *trilha nova* de uma anta e queria colocar o laço lá. Então o menino disse para a mãe: “A anta não vai cair no laço dele!” Ele colocou o laço, que ele fez de fibras de curauá, em um caminho velho, *por* onde nenhuma anta mais anda. O irmão mais velho já havia colocado seu laço.

No outro dia, Macunaíma *mandou que sua mãe verificasse* se alguma anta estava em seu laço. Havia uma lá *presa*. A mãe voltou e disse *que* a anta já estava morta. Em seguida, o garoto disse a sua mãe *que* ela deveria dizer a seu irmão *que* ele deveria ir lá *para tirar a anta do laço* e destrinchá-la. Ela deveria dizer isso a ele duas vezes, porque ele não iria acreditar nela e falaria: “eu sou muito mais velho, e nenhuma anta cai no meu laço, *por acaso* no laço desse menino *teria alguma presa*?” Macunaíma disse para sua mãe: “Diga para ele, que ele deve levar consigo sua mulher, para que ela carregue a carne!” Quando o irmão estava a caminho com sua mulher, a fim de destrinchar a anta, Macunaíma disse para sua mãe *que* ela não deveria ir para lá. Quando cada *parte da* anta tivesse sido destrinchada, Macunaíma enviaria sua mãe para lá, para ela dizer para ele que ele *deveria* levar toda a anta para casa; ele mesmo gostaria de distribuir a carne. Mas o irmão mais velho não queria dar a ele nenhuma porção da

carne, porque ele ainda era muito novo. Ele levou toda a carne para sua casa e deixou com o garoto as vísceras. *Isto fez com que ele ficasse enfurecido.*

O irmão mais velho notou que Macunaíma *circulava por ali* com sua mulher. Então ele foi escorraçá-lo, mas, no meio do caminho, retornou, a fim de espiar o garoto. Ele esperava perto do lugar, aonde a mulher sempre ia com Macunaíma. Então ela chegou com o garoto *nos braços*. Quando ela estava atrás da colina, pôs a criança sobre o chão. Neste momento, Macunaíma virou um homem. Ele crescia cada vez mais. [o garoto era muito gordo.] Ele se deitou (...)

<sup>1</sup> Bromeliácea (*Ananas sativus*) de cujas fibras são feitas cordas muito fortes.

#### **Seite 44/Página 44:**

(...) ali com a mulher e *se relacionou sexualmente com* ela. O irmão viu tudo. Ele pegou um pedaço de pau e deu uma terrível cacetada em Macunaíma.

Macunaíma estava farto desta vida. Ele disse para sua mãe: “Diga-me, mãe, quem leva a casa ao topo da montanha alta?” Em seguida ele disse: “Feche os olhos! Diga a palavra: “Quem leva a casa ao topo da montanha?!” Quando a mãe fechou os olhos, Macunaíma disse: “Mantenha os olhos fechados ainda mais um pouco!” Então ele levou a casa e todas as plantações – bananeiras e outras plantas – ao topo da montanha. Em seguida ele disse: “Abra os olhos!” Quando ela abriu os olhos, já estava tudo em cima da montanha.

Então a mãe deitou abaixo uma casca de banana com um pedacinho de banana, pois o irmão e sua família não tinham nada para comer, porque Macunaíma havia levado tudo consigo. Macunaíma perguntou: “Por que você faz isso?” Ela respondeu: “Seu irmão está passando fome!” Então o garoto disse: “Prepare caxiri para eles!”. A mãe teceu nós em um fio de fibras de miriti\*, para determinar o dia\*\* do caxiri, e deitou abaixo o fio pelo seu filho.

Então o garoto disse à mãe: “Diga-me, mãe, quem traz a casa novamente para baixo? Feche os olhos e diga estas palavras: ‘Quem traz a casa novamente para baixo?’!” Ela fez assim. Então o garoto disse: “Fique com os olhos fechados mais um pouquinho!”. Então ele pôs a casa novamente embaixo em um novo local perto da casa de seu irmão. Em seguida ele levou o irmão e a família dele para sua casa<sup>1</sup> no topo da montanha. Mas o irmão estava muito magro. Eles dançaram, e o irmão ficou bêbado e caiu. Macunaíma riu dele, pois ele estava muito magro, e todos os ossos, *inclusive* os das costas, sobressaíam. Então o irmão comeu muito e ficou gordo novamente.

Um dia o irmão mais velho foi caçar com os outros irmãos e deixou sua mulher em casa com o garoto e sua mãe. A mãe foi para a plantação, e Macunaíma ficou sozinho com a mulher em casa. Ele se transformou em uma pulga da areia, para com isso fazer a mulher rir. De início ela não riu. Então ele se transformou em um homem, que tinha o corpo todo coberto de feridas, para assim fazê-la rir. Pois ele queria submetê-la à sua vontade. Então a mulher riu. Então ele caiu em cima dela e *teve relações com ela*.

O irmão mais velho sabia de tudo, mas ele não queria *se importar com isso*, pois ele (...)

<sup>1</sup>A casa de Macunaíma era ao mesmo tempo a casa de sua mãe.

\*Miriti ou buriti.

\*\*Alguns índios marcam os dias que antecedem uma festa com nós feitos em um fio de miriti. A cada dia que se aproxima da festa, um nó é desatado.

### **Seite 45/Página 45:**

(...) pensava na fome, que ele havia passado, e não podia viver sem seu irmão mais novo. Por isso ele não queria mais brigar com ele.

Em seguida, a mãe morreu no local do “Pai da Tocandira”<sup>1</sup>\* *Mura'zapómbó*. A casa da mãe se chamava *Araliamái-tepe*. Ela é uma montanha.

### **Como a arraia de ferrão e a serpente venenosa vieram ao mundo**

(Narrativa do Taulipáng Mayuluaípu.)

Macunaíma tornou-se inimigo<sup>2</sup> de seu irmão Jiguê por causa da mulher deste. Então ele convidou seu irmão e lhe disse que havia muitos peixes em um riacho. Eles foram para lá, a fim de atirar *flechas* nos peixes. Eles chegaram ao riacho. Então os peixes penetraram em uma enseada. Macunaíma mandou que seu irmão cercasse<sup>3</sup> os peixes. Macunaíma permaneceu à margem *do riacho e flechava* os peixes. Havia ainda *alguns* peixes na enseada, mas a água já estava suja, tanto que eles não mais podiam ver nada. Macunaíma mandou agora que seu irmão Jiguê enxotasse os peixes da enseada para o riacho, e foi para a entrada da enseada.

Quando Jiguê pulou na água, Macunaíma partiu uma folha da planta *Mukumúku-yeg*<sup>4</sup>. Lançou-a a água e disse: “Transforme-se em uma arraia e vá até Jiguê! Assim que ele pisar em você, o ferroe!” Macunaíma permaneceu na entrada da enseada e ordenou a Jiguê: “Continue vindo até aqui, para *tirar os peixes de seu esconderijo!*”. Ele o enviou até a margem da enseada, onde a arraia estava. Jiguê foi até a arraia e pisou nela. A arraia o ferrou no pé. Jiguê gritou alto. Então Macunaíma disse: “Ah, isso dói, meu irmão? Isso não dói nada! Se ela tivesse me ferroadado, eu não sentiria dor nenhuma!” Então Jiguê *lançou um esconjuro* até que a dor passasse<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Formiga grande, preta e venenosa: *Cryptocerus*.

<sup>2</sup> Compare com a saga 6.

<sup>3</sup> Os índios entram na água com esse propósito e batem *nela* com o arco, de modo que os peixes não nadem para fora da enseada.

<sup>4</sup> Planta de margem, *Arum sp.*, provavelmente: *Caladium arborescens*, chamada pelos brasileiros de Anínga. Elas ocorrem muito frequentemente nas margens dos rios. A flor é amarelo-esbranquiçada. A folha é larga com dois lóbulos inferiores e tem forma semelhante à arraia, com o pecíolo representando o ferrão. Compare com os quadros V e VI.

<sup>5</sup> Compare com o Volume III: Fórmulas mágicas. O suco do caule carnudo da planta de anínga, quando passado na ferida da ferroadado, deve aliviar a dor.

\*As populações indígenas de Roraima reconhecem uma série de lugares relacionados aos Pais ou Donos de determinada espécie animal. A categoria de donos ou pais é marcante no pensamento ameríndio, aparecendo em diferentes tradições narrativas (nota do tradutor).

### **Seite 46/Página 46:**

Depois, Macunaíma quis construir uma casa com Jiguê. Eles estavam prestes a amarrar as vigas da cobertura. Macunaíma abaixou-se e passou o cipó para Jiguê, que ergueu-se e amarrou o cipó. Então Jiguê pegou um pedaço de cipó e disse: “Transforme-se em uma serpente”. Ele ordenou à serpente para se esconder entre o molho de cipó. Quando Macunaíma puxou o cipó, a serpente o mordeu. Macunaíma gritou alto. Em seguida Jiguê disse para Macunaíma: “Ah, isso dói, meu irmão? Isso

não dói nada! Se ela tivesse me mordido, eu não *sentiria nenhuma dor!*” Então Macunaíma *lançou sobre si um esconjuro* de modo que ele não morresse.

Assim Macunaíma fez a arraia, e Jiguê fez a serpente venenosa, que nós temos hoje.<sup>1</sup>

## 8. Macunaíma e o broto da árvore de samaúma.

(Narrativa do Taulipáng Mayuluaípu.)

Era uma vez uma moça dos nossos antepassados. Ela tinha *Kumaye-kima-moínele*, o broto da árvore de samaúma<sup>2</sup>, *que* ela amava e achava muito bonito. Macunaíma, Jiguê e Maanape\* encontraram essa moça. Eles queriam tirar da moça de nossos antepassados o broto da árvore de samaúma. A moça, porém, não queria *nada deles*. Macunaíma queria se deitar com ela, mas ela não permitiu e bateu nele. Então Macunaíma *se aborreceu* e disse para seus irmãos: “Vamos deixar *o Kumaye-kima-moínele* estragar!” Eles apanharam *Wazapí*<sup>3</sup> e *Mu'nág*<sup>4</sup>, prenderam *o Kumaye-kima-moínele* e amarraram-no nos braços e pernas. Antes que eles o amarrassem, eles disseram: “Vamos amarrá-lo a fim de que ele nunca mais fique bonito!”.

Assim ficou a samaúma até hoje. Ela nunca cresce em baixo no tronco, porém somente na barriga, e é uma barriga gorda (*t-éwan-yen*) até os dias de hoje.

Então eles disseram: “Nós queremos colocar *Elupá-noázi*, o ‘filho da banana’<sup>5</sup>, [no peito,] (...)”

<sup>1</sup> A essas duas lendas se referem dois feitiços contra ferroadada de arraia e mordida de cobra. Após o último, no entanto, Macunaíma também criou a cobra venenosa. Compare com o Volume III: Fórmulas mágicas.

<sup>2</sup> *Eriodendron Samauma* Mart. *Tauli-páng: kúma-yeg*.

<sup>3</sup> *Jasitára: Desmoncus*. Palmeira cujas folhas servem para tecer.

<sup>4</sup> *Philodendron*. No Brasil: Waimbé. A casca é usada para embrulhar.

<sup>5</sup> O extremo da frutificação da bananeira, que de fato se assemelha ligeiramente a um peito de mulher em forma de cone.

\*Maanape: conforme o nome que Mário de Andrade dá a este personagem em sua obra *Macunaíma* (nota do tradutor).

### Seite 47/Página 47:

(...) a fim de que ele nunca mais fique bonito. Até este momento as mulheres não tinham peitos como hoje, mas um peito como de homem. Eles colocaram *Elupá-noázi* no peito, *cada um de um lado de cada peito*. Como resultado *disso*, até os dias de hoje, há mulheres com seios feios<sup>1</sup>.

## 9. Macunaíma no laço de Piaimã.<sup>2</sup> \*

(Narrativa do Taulipáng Mayuluaípu.)

Um dia Macunaíma foi caçar com seu irmão Maanape. Eles encontraram um laço de Piaimã. Macunaíma perguntou: “O que é isto, meu irmão?”. Ele bateu com a zarabatana\*\* para rasgar o laço e continuar no caminho. *Mas* a zarabatana ficou presa. Então Macunaíma quis empurrar o laço para fora com o pé. *Mas* seu pé ficou preso. Em seguida ele quis empurrar para fora *o laço* com a sua outra mão. *Mas* o laço agarrou também sua outra mão. Então ele quis empurrá-lo para fora com o outro pé. *Mas* o laço também agarrou este pé.

Maanape deixou seu irmão lá e foi embora. Maanape disse em sua casa que o laço de Piaimã prendeu Macunaíma.

Depois de pouco tempo, veio Piaimã. Ele trazia consigo um grande cesto de carregar\*\*\*. Ele tirou Macunaíma do laço e o meteu no cesto de carregar. Ele disse para o cesto: “Abra sua boca, sua grande boca!”. Então o cesto de carregar abriu sua boca. Piaimã meteu Macunaíma dentro *dele*, e o cesto fechou sua boca novamente. Piaimã o carregou às costas e se afastou.

Macunaíma mantinha consigo a aljava da sua zarabatana. Piaimã foi para sua casa e colocou o cesto de carregar *no chão* na frente da casa. Ele *entrou* na casa *levando* consigo a aljava da zarabatana de Macunaíma. Ele segurou a aljava sobre o fogo. O fogo a esquentou *fazendo com que o tampão<sup>3</sup> sibilasse de tão quente*. Então Piaimã fez tapioca (*passando a mão por cima da goma*) comendo-a *em seguida*. Depois disso ele disse para a aljava: “Sua mãe é mais gorda que você!”. Ele *achou que* a aljava fosse o filho de Macunaíma.

Macunaíma pensou: “Como eu poderia sair da cesta de carregar?”. Ele disse para a cesta: “Abra sua boca, sua grande boca!” (...)

<sup>1</sup> Cônico

<sup>2</sup> Texto original G

<sup>3</sup> Com a qual a aljava é lubrificada e vedada.

<sup>4</sup> Isto é, tapioca.

\*Piaimã (Gigante Piaimã): conforme o nome que Mário de Andrade dá a este personagem em sua obra *Macunaíma* (nota do tradutor).

\*\*A zarabatana é uma arma que consiste num tubo originalmente de madeira, pelo qual são soprados pequenos dardos. Os índios a utilizavam para caçar pequenos animais, como pássaros e macacos. As setas da zarabatana, com cerca de 10 a 15 cm, eram muito leves e tinham pontas embebidas em veneno (nota do tradutor).

\*\*\*Cesto de fibras vegetais levado às costas e mantido preso por uma faixa na cabeça (nota do tradutor).

### **Seite 48/Página 48:**

(...) Então o cesto de carregar abriu sua boca. *E assim que isto aconteceu*, Macunaíma pulou para fora e fugiu. Ele foi para casa e contou tudo para seu irmão.

### **10. Macunaíma e Piaimã.<sup>2</sup>**

(Narrativa do Taulipáng Mayuluaípu.)

Um dia Macunaíma saiu *de casa*. Piaimã estava caçando com o seu cão. Então o cachorro encontrou Macunaíma. Macunaíma fugiu, *com* o cão atrás dele. Macunaíma queria *subir em* uma árvore, mas o cachorro estava muito perto dele e ele não *teve* tempo para isso. Macunaíma correu e correu. Então ele encontrou uma árvore velha com um buraco no chão. Ele se enfiou para dentro do buraco.

Então veio Piaimã. Ele empurrou uma árvore para dentro do buraco, para arrancar Macunaíma *de lá*. Em seguida Macunaíma agarrou a árvore e a meteu entre as pernas. Piaimã saiu para buscar pimenta. Ele trouxe formigas *Anakilan*. Isto é a pimenta de Piaimã. Ele jogou as formigas no buraco. Nada! Macunaíma não queria sair. As formigas o furavam, mas ele aguentava tudo. Então Piaimã tirou as formigas e saiu para buscar *Elité*, serpente jararaca<sup>1</sup>, para que, com isso, talvez ele fugisse.

Quando Piaimã saiu, Macunaíma saiu do buraco, apanhou um pedaço de pau, o enfiou no buraco e foi embora. Piaimã voltou e não encontrou mais nada e foi embora.

## 11. Morte e retorno à vida de Macunaíma.<sup>2</sup>

(Narrativa do Taulipáng Mayuluaípu.)

Um dia Macunaíma foi com seu irmão Maanape para a árvore *Dzalaúra-Iegue*\*. Esta árvore tinha todos os frutos.<sup>3</sup> Ela era muito alta. Eles fizeram uma pequena cabana<sup>4</sup> em cima da árvore para atirar nos animais que se alimentavam das frutas – macacos, bugios, mutum, Jacu – todos esses animais. Maanape subiu. Macunaíma ficou debaixo da árvore para apanhar os animais que Maanape *derrubava* com a zarabatana.

<sup>1</sup> Serpente venenosa: *Bothrops, Cophias sp.*

<sup>2</sup> Texto original H.

<sup>3</sup> Compare com a Saga da Árvore Universal e da grande Enchente, onde a árvore se chama “Wazaká”. Um grande rochedo aos pés do Roraima é chamado pelos índios de *Tselaúra-ye-piape* = Toco da árvore Tselaúra.

<sup>4</sup> Guarda-sol de caça.

\*Dzalaúra-Iegue: conforme o nome que Mário de Andrade dá à árvore em sua obra *Macunaíma* (nota do tradutor).

### Seite 49/Página 49:

Maanape disse para seu irmão: “Se algum animal *cantar*, não responda!”. Então Maanape subiu. Ele atirou em muitos animais, macacos, bugios, mutum, jacu, tucano, todos os pássaros. Macunaíma estava ocupado pegando os bichos. Então Piaimã cantou de longe “ogoró-ogoró-ogoró!”<sup>1</sup>. Macunaíma lhe respondeu: “ogoró-ogoró-ogoró!”. Então Maanape gritou: “Agora suba! Se você responde a um animal, suba!” Macunaíma subiu, aonde estava a cabana, e ficou lá em cima.

Então Piaimã disse: “Quem *foi* aqui que me respondeu?” Maanape disse: “Eu não sei quem foi.” Então Piaimã disse: “Não! Há uma pessoa aqui que me respondeu! Mostre-me onde ele está!” Maanape respondeu: “Talvez tenha sido este aqui!” e jogou para baixo um bugio. Piaimã disse: “Não! Não foi esse!” Então *ele* viu o dedo pequeno de Macunaíma que aparecia por entre a folhagem, atrás da qual Macunaíma havia se escondido. Piaimã viu o dedo pequeno e por isso atirou com a zarabatana. O dardo venenoso penetrou sob a unha. Macunaíma gemeu baixinho quando foi atingido. Em seguida Piaimã disse para Maanape: “Jogue-me aqui para baixo esse que acabei de acertar!”. Maanape lançou para baixo macacos, bugios, jacu, todos os animais que ele havia acertado, mas Piaimã dizia sempre: “Não foi este não!”. Macunaíma já estava morto. Como Maanape havia lançado para baixo todos os animais, não havia mais *nenhum* lá. Ele não queria jogar seu irmão. Ele queria enganar Piaimã. Mas este sabia disso. Então Piaimã disse: “Se você não o jogar para mim, eu atiro em você!”. Então Maanape lançou para baixo seu irmão Macunaíma, pois ele tinha medo de Piaimã. “É desse mesmo que eu tinha falado!” Ele ficou feliz. Ele colocou Macunaíma sobre *suas* costas e foi embora com ele.

Maanape desceu da árvore e foi atrás das pegadas *de Piaimã*. Ele seguiu as gotas de sangue. Em seguida a pequena vespa *Cambgique*.<sup>2\*</sup> o encontrou. Ela perguntou para ele: “O que você está fazendo, cunhado?”. Ele respondeu: “Eu estou atrás do meu irmão, que Piaimã *matou* e carregou consigo. Vamos ver se a gente consegue alcançá-lo!”. *Cambgique* coletou o sangue de Macunaíma. Ela foi com Maanape.

Eles chegaram a um grande rio. Então Maanape disse: “Como devemos atravessar?”. Então o pequeno lagarto *Seléseleg*<sup>3</sup> os encontrou. Ele perguntou a Maanape: “O que você está fazendo, cunhado?” Ele respondeu: “Eu estou atrás do meu

irmão, que foi *morto* por Piaimã”. Então *Seléseleg* disse: “Eu sou sua canoa! Certo? Feche os olhos”. Maanape fechou (...)

<sup>1</sup> Texto original “*wokolo*”

<sup>2</sup> Vespa pequena, *com listras pretas e amarelas*.

<sup>3</sup> Pequeno lagarto metálico brilhante.

\**Cambigique*: conforme o nome que Mário de Andrade dá à vespa (“formiguinha sarará”) em sua obra *Macunaíma* (nota do tradutor).

### **Seite 50/Página 50:**

(...) os olhos. Então *Seléseleg* disse: “Abra os olhos!” Maanape abriu os olhos. Havia uma grande ponte de uma margem do rio à outra. Então eles foram por cima dessa ponte à outra margem. Ali *Seléseleg* se transformou novamente e disse: “Acima da entrada da casa *tem* um produto *que* Piaimã *usa* para matar as pessoas. Quando você entrar na casa, olhe imediatamente para cima! Pegue-o e esfregue-o na direção em que Piaimã e sua mulher estão! Você *vai matar* os dois!”.

Maanape entrou na casa e avistou imediatamente o produto. Ele o pegou e esfregou-o na direção em que se encontravam Piaimã e sua mulher. Ele matou os dois.

Macunaíma já estava cortado em pedaços e *dentro* da panela sobre o fogo. Maanape o afastou para longe do fogo e o colocou num cesto raso. Ele teceu todos os pedaços com folhas de *Kumi*<sup>1</sup> – dedos, braços, pernas, tudo. Então ele derramou o sangue, que *Cambigique* havia coletado, sobre ele. Em seguida, Maanape soprou sobre ele com *Kumi*, cobriu o cesto e saiu da casa. Depois de pouco tempo, Macunaíma se levantou, muito suado. Ele perguntou a Maanape o que ele tinha feito com ele. Maanape respondeu: “Eu não tinha dito a você para não responder a nenhum animal!”.

### **12. Macunaíma e Waimesa-pódole.**

(Narrativa do Taulipáng Mayuluaípu.)

Um dia eles saíram e encontraram *Waimesá-pódole*, o Pai do lagarto. As pessoas não podiam se aproximar dele, pois sua língua era muito longa, e, com ela, ele apanhava todos os animais. Então Macunaíma disse: “Eu vou ver!” Maanape disse: “Não! Ele vai te apanhar e te engolir!”. Macunaíma respondeu: “Não, eu quero ver!”. Maanape disse mais uma vez: “Olha que o animal vai se apoderar de você, meu irmão!”. Mas Macunaíma não ouviu seu conselho, e Maanape o deixou ir. Macunaíma foi até ele para vê-lo. Ele chegou perto. Então *Waimesá-pódole* o apanhou com a língua e o engoliu.

Maanape voltou para casa e contou *que Waimesá-pódole* engoliu Macunaíma. Então todos os irmãos se uniram para matar *Waimesá-pódole* com flechas. Todos foram lá. Maanape disse: “Nós não vamos atirar nele na barriga, apenas na cabeça!” Ma'nápe (...)

<sup>1</sup> Planta com folhas longas em forma de grama. Planta mágica para “transformar”, etc.; desempenha nas lendas um *importante* papel.

Produto popular dos curandeiros.

<sup>2</sup> Isto é, ele juntou os pedaços.

### **Seite 51/Página 51:**

(...) ficou em pé diante de *Waimesá-pódole*, bateu com um bastão na terra e disse: “Venha e me devore, *Waimesá-pódole*, como você devorou meu irmão!” Os outros vieram de ambos os lados para atirar. Quando *Waimesá-pódole* pôs sua língua para fora,

a fim de apanhar Maanape, os outros dispararam na cabeça dele com as flechas e o mataram.

Então eles abriram suas vísceras. Lá dentro estava Macunaíma. Ele vivia e saltou para fora. Ele disse: “Vocês viram como eu luto com um animal desse tipo?” – Em seguida, eles voltaram para casa.

### **Seite 149/Página 149:**

#### **Kalawunseg o mentiroso.**

(Narrativa do Arekuná Akúli.)

1. Kalawunseg<sup>1</sup> foi para casa e contou que ele tinha encontrado a trilha de uma anta. Nunca uma anta havia estado neste lugar. Seus cunhados disseram: “Bom! Amanhã nós queremos ver! Amanhã vamos seguir a trilha e matar a anta!”. Na manhã seguinte, Kalawunseg saiu com seus cunhados, todos armados com arcos e flechas e facas bem afiadas, para que pudessem imediatamente abater a anta e esquarterá-la. Eles chegaram à margem de um riacho e procuraram a trilha da anta. Então eles perguntaram a Kalawunseg: “Onde você encontrou o rastro da anta? Aqui não tem rastro nenhum!”. Então ele disse: “he-he-he seténequetaite<sup>2</sup>!”. Eu achei o rastro neste local, exatamente aqui!” Então Kalawunseg disse: “pemonéite!”. “Pois são gente<sup>3</sup>!”. Então ele disse: “tetápe zónaneinite”. “Ela<sup>4</sup> sabia esconder suas pegadas!”<sup>5</sup>. Os cunhados ficaram zangados e foram para casa; Kalawunseg seguiu atrás deles.

Então Kalawunseg foi para lá com sua esposa e cercou uma pequena savana com fogo, para caçar um veado que talvez estivesse correndo por ali. Mas não saiu nada de lá. O fogo queimou toda a grama. Então Kalawunseg passou pelo meio da área queimada para ver se *algum* animal não havia sido morto. Ele encontrou dois ratos, *Atú*, e os matou. Ele foi para casa e comeu ambos os ratos. Então ele disse para os vizinhos, que havia morto dois veados, um velho e um jovem. Então os vizinhos foram até sua esposa para lhe perguntarem se era verdade que Kalawunseg havia matado dois cervos. Então a mulher disse: “Onde ele teria afinal matado dois veados? (...)”

<sup>1</sup> O nome deve se referir a uma pessoa que chora muito; em português: chorão = Heuler.

<sup>2</sup> As palavras do Kalawunseg são sempre ditas como se por um imbecil, com um final ascendente. A tradução está em tudo que Mayuluaípu diz. A tradução exata é muitas vezes impossível porque todas as palavras que Kalawunseg fala são deliberadamente distorcidas.

<sup>3</sup> Isto é, rastros de pessoas.

<sup>4</sup> Isto é, a anta.

<sup>5</sup> Isto é, a anta escondeu suas pegadas entre os rastros das pessoas; suas pegadas se tornaram rastros humanos. Mas a anta é um dos animais de caça mais fáceis de enganar e suas pegadas são largas e inconfundíveis. Disto resulta a piada.

### **Seite 150/Página 150:**

(...) Ele nunca matou um veado! Não foi nenhum cervo que ele matou! Foram dois ratos!”. Então os vizinhos reconheceram que isso era uma mentira dele.

Um dia, Kalawunseg encontrou rastros de um veado e foi atrás dele. Ele se inclinava para ver as pegadas. Então o veado parou diante dele, olhou para ele e, de repente, perguntou: “Quem você está procurando, Kalawunseg?”. Então Kalawunseg respondeu: “Quem? Você!”, agarrou sua espingarda e matou o cervo. Em seguida ele contou isso aos outros. Mas era uma mentira.

Então Kalawunseg encontrou timbó<sup>1</sup> junto à fonte de um riacho. Nunca houve timbó neste lugar. Ele voltou para casa e contou a seus cunhados que ele tinha

encontrado timbó. Então os cunhados disseram: “Nós queremos, amanhã, arrancar o timbó e colocá-lo no riacho para pegar peixes!”. Na manhã seguinte, eles foram para lá. Kalawunseg foi com eles para mostrar-lhes o lugar onde o timbó crescia. Eles procuraram o timbó no lugar onde Kalawunseg havia indicado. Kalawunseg disse “Aqui mesmo neste lugar havia timbó! Vamos procurá-lo!”. Os cunhados procuraram e procuraram, mas não encontraram nada. Então eles gritaram: “Ei, Kalawunseg, onde está o timbó?”. Ele foi até eles, e *os cunhados* lhe perguntaram novamente onde estaria o timbó. Kalawunseg respondeu: “Aqui, bem aqui! Procurem apenas! Aqui! Aqui!”. Eles procuraram novamente. Kalawunseg andava por ali fazendo de conta que estava procurando com eles. Então eles se cansaram de procurar. Eles perguntaram novamente para ele: “Cadê o timbó, Kalawunseg? Ele está neste lugar, como você diz?”. Então Kalawunseg respondeu: “Foi aqui neste lugar! Talvez ele tenha se escondido!”. Em seguida ele disse: “Ele<sup>2</sup> é um ser humano! Ele sabe que as pessoas estão procurando por ele. Então ele se escondeu!” – Então eles voltaram para casa.

Kalawunseg queria vender, em sua casa, uma espingarda para um vizinho. Ele disse: “Esta arma gosta de matar animais que estejam muito longe, não perto. Se eu atirar, um pássaro cai de uma árvore muito alta!”. Então sua esposa, que estava escondida na escuridão da casa, sem que ele soubesse, disse: “Onde é que você já atirou em algum bicho com essa espingarda?”. Então Kalawunseg respondeu: “Eu disse por acaso que fui eu?. Eu estava falando do meu cunhado!”.

Kalawunseg foi à Terra dos Ingleses para comprar uma espingarda. O inglês disse a ele: “As espingardas ainda estão verdes! Elas ainda não estão maduras! Vamos ver se alguma já está madura!”. Eles foram (...)

<sup>1</sup> Trepadeira usada para o envenenamento de peixes.

<sup>2</sup> Isto é, o timbó.

### **Seite 151/Página 151:**

(...) [até a árvore-de-espingarda]. Eles foram para lá. Então o inglês disse a Kalawunseg: “Agora fique aqui embaixo! Se alguma cair, apare! Não deixe que ela caia no chão!”. O inglês balançou a árvore. Então uma espingarda caiu. Kalawunseg a pegou. O inglês disse: “Você pode ficar com essa espingarda!” – Kalawunseg queria que ele acreditasse que ele falava inglês. Mas ele não falava nenhuma palavra em inglês. Seu irmão falava inglês – seu irmão queria pólvora, chumbo e também uma espingarda. Então Kalawunseg disse para o inglês que seu irmão também queria uma espingarda, pólvora, chumbo e espoleta. Então o inglês disse: “É possível que tudo caia! Eu vou balançar!”. Ele sacudiu a árvore, mas nada caiu. Então eles foram para baixo de uma árvore-de-pólvora. O inglês balançou a árvore. Então caiu pólvora sobre um pedaço de papel. Então Kalawunseg disse: “Agora, chumbo! Vamos lá!”. Eles foram até a uma árvore-de-chumbo. O inglês balançou a árvore. Então caiu chumbo sobre um pedaço de papel. Então Kalawunseg disse: “Agora, espoleta!”. O inglês sacudiu outra árvore. Então caíram espoletas. Então Kalawunseg voltou para casa e contou a história<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Esta história é evidentemente um escárnio dos índios, que trabalham temporariamente na Guiana Inglesa e, depois que voltam para casa, contam todos os tipos possíveis de bazófia. – Uma declaração de C. H. de Goejes confirma que tais mentiras também ocorrem em outras tribos (e mais precisamente na prática): “Os Salumas disseram aos Trios que as contas de vidro (que eles recebem no comércio de troca dos brasileiros) e vendem (aos Trios) cresceriam em arbustos, que eles mesmos teriam plantado!”

(Beiträge zur Völkerkunde von Surinam [Contribuições para a Etnologia do Suriname], LEIDEN, 1908, p. 26).

## REFERÊNCIAS

DE ANDRADE, M. *Macunaíma*. Arca Literária. Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/1031/1/Macuna%C3%ADma.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2017.

KOCH-GRÜNBERG, T. *Vom Roroima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913 – Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*. Band 2. Stuttgart: Verlag Strecker und Schröder, 1924. Disponível em: <[https://ia801402.us.archive.org/5/items/bub\\_br\\_1918\\_01011120/bub\\_br\\_1918\\_01011120.pdf](https://ia801402.us.archive.org/5/items/bub_br_1918_01011120/bub_br_1918_01011120.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2018.

LOPEZ, T. A. *O Macunaíma de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg*. Manuscrita, n. 24, 2013. Disponível em <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/1481/1314>>. Acesso em: 25 maio 2018.

POMPERMAIER, P. H. *Não há dúvida de que Macunaíma é importante para entender o Brasil atual*. CULT, 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/nao-ha-duvida-de-que-macunaíma-e-importante-para-entender-o-brasil-atual/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

REDEL, E. *Ci, Mãe do Mato: o mito das amazonas às avessas em Macunaíma e o projeto modernista*. Manuscrita, n. 30, 2016. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/2485/2285>>. Acesso em: 7 out. 2017.

Data de envio: 16-04-2018

Data de aprovação: 02-10-2018

Data de publicação: 17-12-2018